



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ARNO BLACK

(depoimento)

2005

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-98

Entrevistado: Arno Black

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: Porto Alegre/RS

Entrevistadores: Camile Romero/Luanda Dutra

Data da entrevista: 01/03/2005

Transcrição: Camile Romero

Conferência Fidelidade: Ana Maurmann

Copidesque: Johanna Coelho von Mühlen/Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Marco de Carvalho

Fitas: (01 fita) 98/01-A e 98/01-B

Total de gravação: 60 minutos

Páginas Digitadas: 26

Catálogo: Vera Maria Sperangio Rangel

Número de registro: 01702/2007/01

Nº da fita: 01702/2007/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

BLACK, Arno. *Arno Black (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2007.

Sumário

História da família: pioneirismo de seu avô George Black na Ginástica e Recreação; início do envolvimento com a ESEF: festa dos bixos, uniformes, professores, relação professor-aluno, prática separadas por sexo; período como professor da ESEF: envolvimento com a recreação; fatos pitorescos; participação na vice-direção da Escola, na direção do Centro Olímpico; disciplinas que ministrou; envolvimento com a musculação; testes práticos para ingresso na ESEF.

Porto Alegre, dia 1º de março de 2005. Entrevista com Arno Black, a cargo das entrevistadoras Luanda Dutra e Camile Romero, para o Projeto ESEF 65 anos do Centro de Memória do Esporte.

L.D. - Então, professor, a gente vai começar de novo. [risos]

A.B. - Tudo bem!

L.D. - A sua história de vida...

A.B. - A história da família?

L.D. - Isso.

A.B. - Meu avô... George Black. Que ele era alemão, George Black. Ele teve uma formação esportiva de medicina no Exército alemão e, quando terminou o serviço, ele se sentindo muito oprimido porque ele era uma pessoa que gostava muito da área social, esportiva e da área educacional. E ele não conseguia na Alemanha porque na época era muito monárquica. O povo era muito oprimido. Ele veio como imigrante para cá em 1890, por aí. O primeiro, destinado ao oeste do Rio Grande do Sul, não gostou de lá e veio para Dois Irmãos¹, acabou vendendo a área dele e veio para Porto Alegre², começou a trabalhar aqui em lavanderias a beira do Guaíba e aí conheceu a Sogipa³. A Sogipa já existia, que na época era Deutsche Turnerbund que significava Sociedade de Ginástica Alemã no Rio Grande do Sul. Aí, ele se encontrou, começou a desenvolver as suas habilidades nessa área, fundou o Esportivo⁴ que foi o primeiro grupo na América do Sul, teve alguns que precederam no Rio de Janeiro⁵, mas não se concretizaram. Na realidade, o grupo George Black, na Sogipa, é o mais velho do Brasil e da América do Sul. E ele expandiu a ginástica por todo o Rio Grande do Sul, principalmente as colônias alemãs. A área não só da ginástica, como da recreação, a área da terapia. Na Sogipa havia uma clínica de fisioterapia

¹ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

² Capital do Estado do Rio Grande do Sul

³ Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

⁴ Nome sujeito a confirmação

com bicicleta ergométrica desde aquela época, eu conheci essa bicicleta, era um trambolho, mas era uma bicicleta ergométrica. E, aparelhos que nós temos até hoje em casa, algumas coisas ainda, da época dele para fazer tração, para fazer fisioterapia. O meu pai seguiu também os caminhos dele, ele abriu... Se formou, também, na área da educação, só quis se formar na Alemanha, depois, se atualizou no Brasil, foi professor aqui na ESEF⁶, minha tia também. Foi a primeira clínica de dança do Brasil. Foi aqui em Porto Alegre fundada pela minha tia Filomena Black, a qual a Morgada⁷ cita no livro dela essa clínica... Muitas alunas se transformaram depois em famosas professoras na área da dança e da expressão corporal, e eu também segui [riso].

L.D. - Como é que foi a sua história de vida?

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

L.D. - Continuar... Então, na tua opção pela Educação Física... Já que foste influenciado pela família...

A.B. - Fui! Muito influenciado, mas não obrigado! O primeiro curso que eu fiz foi de radiotécnico. Quando eu era estudante de ginásio, eu era ligado em eletrônica e mecânica, adorava eletrônica e mecânica. Eu queria fazer inclusive a Escola Mecânica da Varig, pensava em ser engenheiro de vôo, ou piloto ou maquinista de trem, adorava essas coisas, tudo que era com mecânica era comigo. Então, eu fiz um curso por correspondência de eletrônica e me tornei radiotécnico, eletricista radiotécnico. E, depois, quando eu terminei o ginásio, que na época era primário, ginásio e científico... Eu devia fazer o científico e fiz o comercio, aí eu me formei em técnico em contabilidade, mas detestei contabilidade, não era a minha área. E aí, meu pai sugeriu: “Quem sabe tu faz o vestibular para a ESEF?”. Aí eu fiz, passei...

L.D. - Como é que era a festa dos bixos? Como é que foi a tua recepção?

⁵ Capital do Estado do Rio Grande do Sul

⁶ Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

⁷ Morgada Assumpção Cunha

A.B. - Ah, tinha... Naquela época, os bixos eram, vamos dizer assim, era uma festa em Porto Alegre. Porque todas as universidades... Os bixos tinham que estar identificados, pelo chapéu, pela roupa, todos. Então, nós tínhamos um chapeuzinho de marinheiro escrito ESEF/UFRGS. Não, não era UFRGS⁸ ainda, a ESEF era do Estado ainda. Então, nós andávamos com aquele chapeuzinho, eu achava ridículo, mas... [risos]. E a ESEF era lá em baixo na Praia de Belas, lá na Washington Luís⁹ e eu morava na Santo Antônio¹⁰ e não tinha condução. Então, eu tinha que passar todo o centro de Porto Alegre a pé com aquele chapeuzinho, eu não me sentia muito a vontade. Mas tudo bem, foi um ou dois meses. Aí vinha a parada dos bixos que era espetacular! Era uma festa em Porto Alegre! A Rua do Andradas era fechada e todas as universidades desfilavam. As piadas giravam em torno de políticas, piadas esportivas, todas as formas, era um espetáculo. A parada dos bixos era uma coisa assim que todo mundo esperava, era uma festa em Porto Alegre.

L.D. - Mas não era só da Educação Física, era de todos os cursos?

A.B. - Não! Todos os cursos e nós também tínhamos. E, a gente recebia trote de toda forma: tinha que medir a rua com palito de fósforo; tinha que ficar de pé descalço, dançar com uma pessoa que passava na rua que eles escolhiam; tinha que ficar sem camisa, essas coisas que na época eram um pouco mais constrangedoras. Enfim, eram trotes. Pintava, aquelas coisas todas... E aí, depois nós fizemos então um churrasco aqui, tem fotografia, de abertura do curso e, no curso de Educação Física, eu me encontrei. Então a... Porque aí havia muitas coisas práticas, no esporte eu me dava bem. Eu era multidesportista, eu praticava... Fui remador, jogador de futebol, de vôlei, jogar xadrez, não tem esporte... Não os radicais. Naquela época, eu não tinha medalhas. Eu adorava o esporte, me sentia muito bem apesar da minha saúde nunca me ajudar. Eu não era bom em saúde, sempre com dificuldades. Coisas que me impediram de me tornar um atleta mesmo, que era o que eu gostaria de ser. Atleta eu sou agora, eu me aposentei, eu estou competindo aí como atleta agora pelo Vasco da Gama¹¹ no remo. Fui vice-campeão brasileiro de remo agora em dezembro lá na Lagoa Rodrigo de Freitas, na fixa de sessenta a sessenta e cinco anos. Então, agora estou me sentindo um pouco... Depois de quase cinquenta anos estou

⁸ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

⁹ Avenidas do Centro de Porto Alegre

¹⁰ Rua de Porto Alegre

¹¹ Clube de Regatas Vasco da Gama, fundado em 28 de janeiro de 1917.

conseguindo realizar alguns sonhos. Bom, e, então a ESEF foi espetacular, o curso, gostei muito. E, logo em seguida já fiz especialização, já fiz concurso para a ESEF, fiz concursos para áreas que eu não dominava muito que era atletismo e tênis. Não era a minha área, minha área era ginástica, levantamentos de pesos. Esportes coletivos aí eu não fui feliz. Tirei o terceiro lugar, perdi para o Cassel¹² e o para o Carioca¹³ [risos], os dois professores que me precederam. Depois abriu um concurso em 73 aqui para o departamento e eu fiz, tirei primeiro lugar. Tirei de barbada essa. Porque eu dominava e, principalmente, porque eu adorava recreação e ginástica. Esta aí, então, aqui ó [mostra fotografia] eu fiz chover aqui dentro da ESEF com recreação. A minha família tinha muito disso. Meu avô gostava muito dessa área social esportiva e meu pai também, nós tínhamos um hotel que a gente abria só no verão na praia e se fazia recreação com os hóspedes o dia inteiro. Eles adoravam, era um dos primeiros hotéis “spa”, como se chama, se fazia de tudo, ecoturismo, um turismo, tinha o maior biólogo da UFRGS, que hoje tem o nome dele da biologia, ele se chama Alari Schultz, ele era hóspede do nosso hotel. Então, ele ia para lá e passava o dia dentro do mato pesquisando tudo sobre a área. E, a gente acompanhava como guri e achava que ele era um cientista louco e ele era um cientista realmente, tanto que ele, hoje a homenagem que se faz... Ele é um dos maiores, foi um dos maiores biólogos. E lá, ele também freqüentava... Então, havia de tudo no hotel que nós tínhamos. Eu aprendi muito de recreação com esse convívio. Ah, quando eu entrei na ESEF eu aplicava tudo, tudo que eu aprendi eu fazia chover, as aulas aqui era interrompidas para os alunos vir assistir o eu estava fazendo nas aulas. Como eu perturbava muito, principalmente o professor Targa¹⁴ ficava enlouquecido com as risadas e tudo, eu ia lá para baixo... Então, eu fazia, vocês podem ver aqui, por exemplo [mostra fotografia]. Aqui eram aulas de recreação para desenvolver as habilidades de sensibilidade manual, com os olhos vendados trabalhando com argila, trabalhando com papel, com papelão, com tudo, tudo para eles aprenderem como a gente pega crianças e desenvolve isso. Porque aqui eles estavam aprendendo a ser recreadores, pegar as crianças depois no seu colégio, onde eles forem trabalhar porque a principal profissão, a área de atuação, na nossa época, era o colégio. Não havia isso de academia, essas coisas todas. Então, eu preparei, essa turma deve ter sido muito bem preparada, foi uma das melhores, porque eles não só tiveram aulas nesta

¹² Mário César Cassel

¹³ Paulo Gilberto de Oliveira, conhecido como “carioca”

¹⁴ Jacintho Francisco Targa

área, como também tiveram aulas de música e dança que aparece aqui, porque eu tinha um aluno que era gaiteiro e ele tinha um conjunto.

L.D. - Quem era? Tu te lembras?

A.B. - Eu olha, eu tentei me lembrar o nome dele, mas eu não consigo. Ele está tocando gaita aqui [mostra fotografia]. Ele foi uma época, está aqui ele, ele era um símbolo sexual gaúcho da área... Como é que se diz? Da área musical, está aqui ele tocando. Ele chegou a ser um símbolo, porque ele era um cara bem apessoado, era grandão, forte, tocava e era extrovertido ao máximo. Aqui ele estava inclusive tocando e ensinando para pessoal as músicas gauchescas que eu não dominava, mas eu pegava os alunos que sabiam e fazia eles dar aula, o pessoal adorava. A recreação tinha uma... Em 1977... Recreação 2...

L.D. - Todos com uniformes...

A.B. - Sim, sim na época era uniforme. Todo mundo de uniforme, as salas de aula... Eles fazendo aqueles joguinhos de levar, botar o rabo e todas aquelas coisas. Que eu acho que vocês já ouviram falar que hoje não existe mais, que a televisão tomou conta, mas que no colégio as crianças adoram isso aí, fazer esses tipos de atividades.

L.D. - E, do período que tu fostes aluno, te lembras de algo, de alguma aula que marcou, algum professor?

A.B. - Sim! De tudo... Como aluno? Aham...

L.D. - Algum momento que te marcou, alguma cadeira muito difícil, com um professor muito carrasco?

A.B. - Sim, sim. O professor Targa era muito difícil, era muito difícil! Metodologia da Educação Física era muito difícil porque ele era extremamente exigente e se tu... Eu me lembro, agora eu me lembro, eu disse assim: “Professor, eu acho que...” E ele disse: “Não me interessa o que tu achas”. Aí, eu me sentei e fiquei olhando para ver. O que eu vou fazer, se ele não quer ouvir a minha opinião. Depois, quando eu fui professor aqui, ele uma

vez sentou comigo e nós discutimos metodologia. E aí, eu disse isso para ele, que ele não deixava eu pensar e não deixava seus alunos pensar, ele só queria que repetisse o que ele dava, porque era na época da...

L.D. - Ditadura?

A.B. - Ditadura escolar, não a ditadura militar, ditadura escolar. O professor dava a matéria e os alunos tinham que repetir sem pensar. E isso foi, provavelmente, eu tenha na minha... Com essa questão da recreação eu fiz com que os alunos pensassem muito, eles criaram muito. E, nós tínhamos discussões, quando eu fui professor, tinha muito prazer com isso, porque eu não dominava... Muitas coisas eles dominavam muito mais do que eu, porque a minha área era principalmente ginástica e recreação. Quando gerava uma... Por exemplo, se aparecia um músico, eu não podia discutir música, se aparecia um pintor, o grupo ia discutir pintura, essas coisas. Foi interessante, nessa parte, eu dei chance para que os alunos expandissem a sua criatividade, isso parece que até trouxe assim uma... Eu não sei, é muito difícil analisar isso, mas, a partir daquele momento, de 74 a 78 por aí assim, houve uma mudança muito grande aqui na ESEF em termos de comportamento dos professores em relação aos alunos. Parou aquela ditadura das calistenias: “Um! Dois! Três! Quatro! Um, dois!”. E, começou a haver uma maior flexibilidade nas discussões, na... Eu devo ter influenciado um pouco por causa dessa forma, que a professora que me precedeu, que era a professora Lênea¹⁵, ela dava só coisinhas assim, “não sei o que, não sei o que, um, dois, três, quatro, um, dois, três, quatro”. Então, ficava assim com os alunos naquela coisinha muito infantis. E, com aquilo, os alunos iam morrendo e não dava chance deles se expandirem e trazerem coisas interessantes, que a pessoa sentia prazer em fazer. Apesar de ela ser uma teórica muito importante. O pai dela, o Frederico Gaelzer¹⁶, foi o primeiro homem a trabalhar com recreação pública no Brasil. Em 1926, ele trouxe de Chicago¹⁷ a idéia da recreação para crianças pobres e aplicou aqui na prefeitura e a Prefeitura de Porto Alegre foi a primeira prefeitura a ter serviço de recreação pública, as praças públicas, praça São Geraldo, praça... Não sei se vocês conhecem algumas praças?

¹⁵ Lênea Gaelzer

¹⁶ Frederico Guilherme Gaelzer

¹⁷ Cidade dos Estados Unidos

L.D. - Alto da Bronze.

A.B. - Alto da Bronze! São tudo praças criadas em zonas que havia muita pobreza e crianças perdidas e eles faziam recreação e educação física para angariar essas crianças.

L.D. - Quanto... Qual era a duração do curso que tu fez? Dois ou três anos?

A.B. - Três anos. No ano que eu escolhi, ainda era um, aí no ano que precedeu, que foi... Eu entrei em sessenta e... [risos] Sessenta e dois. Pára! Não. Em sessenta e três, sessenta e dois ainda era um ano. Aí, quando eu decidi fazer Educação Física, passou para três [risos]. Mas ainda havia os cursos de um ano aqui, que chamava curso infantil de ginástica, muitas alunas aqui, [mostra uma foto], tem esta aqui... Não sei se aparece... Em uma outra... Foram alunas que fizeram o curso infantil de educação física.

L.D. - Então, tu achas que a relação dos professores mudou em 70? Professor-aluno mudou na década de 70?

A.B. - Principalmente quando os professores começaram a sair para fazer o mestrado. O professor é... Ele está aqui nessa foto, ele foi lá para o Nordeste... De basquete... O Escobar¹⁸. Foi assim, o professor Escobar foi o primeiro a sair para fazer mestrado, o segundo foi o professor Alduíno¹⁹, onde é que estava o Alduíno... E, o terceiro fui eu. Só que nós dois já tínhamos feito em 1965 um curso na Alemanha, não de mestrado, especialização. E já trouxemos idéias...

L.D. - Novas.

A.B. - Novas formas de relação professor-aluno e tudo, mas só que, como eu ainda era aluno, e o professor Alduíno só entrou em, dois, três anos depois que ele veio da Alemanha... Mas ele entrou... Como ele foi formado, ele era o rei da calistenia, ele chegava: “está com um calção, deixa eu ver se a cueca é branca, a meia é branca, o tênis é...”. Era assim, era duríssimo, a questão disciplinar do uniforme era duríssimo, se o aluno

¹⁸ Acely Stroher Escobar

¹⁹ Alduino Zílio

vinha faltando alguma coisa ele não entrava na sala de aula. As duas primeiras aulas eram teóricas, das sete e meia às nove, aí das nove e meia até meia hora eram as aulas práticas. Então, iniciava a manhã bem calma. Todo mundo dentro das salas de aula aqui. E aí, a partir das nove e meia começava a baderna, começava a aula, pa, pa, pa, pa!

L.D. - E eram homens com mulheres, ou separados? Era junto?

A.B. - As teóricas juntas, mas nas práticas havia muitas aulas separadas: Rítmica, Ginástica, Ginástica Geral, Ginástica Olímpica.

L.D. - E como é que se namorava nesse sistema?

A.B. - Aí que era bom, [risos] não via durante o tempo inteiro, só via assim de relance, aqui ó... [mostra fotografia] Esse foi um momento que eu pude namorar essa aluna aqui. Eram nas aulas de Recreação e coisa... Porque não dava, elas estavam sempre em outras aulas, estava sempre em outras turmas. Então, eu era vidrado pela... Não tinha como, só de longe assim se enxergava. Aí, nessas aulas que a gente tinha condições de fazer, a gente ficava um pouquinho mais pertinho. Bom...

L.D. - Mas a ESEF já era aqui? Ou era...

A.B. - Sim, era aqui já! Eu comecei na ACM em 63 e, em 64, ela veio para cá. O professor Alduíno foi o primeiro que fez os três anos aqui. Eu fiz o primeiro ano ainda na ACM, o segundo e o terceiro aqui. Tu estavas me pedindo para falar sobre algo que marcou como professor ou como aluno ainda?

L.D. - É, como professor, como aluno?

A.B. - Como professor... Tinha uns professores que eram donos das salas. Eram poucas salas, uma, duas, três, quatro, cinco, eram seis salas. E aí, eu comecei com Recreação. Recreação exigia espaço. Não, desculpa! Eu comecei com Recreação e Ginástica, Teoria da Ginástica, com aulas também teóricas. Então, um dia eu cheguei aqui na sala, todas as salas, tinha uma vaga, aí eu olhei, meu horário já estava em andamento, peguei e sentei

com os alunos, comecei a aula teórica, explica para cá, fala para aqui, e, daqui um pouco, entrou o professor responsável pela...

L.D. - Pela sala?

A.B. - O dono da sala! Ele entrou, chegou, sentou na frente, na minha frente, abriu o jornal e começou a ler o jornal. E, eu disse: “Professor, o senhor tem aula agora?”. Ele disse: “Não, não, o senhor por favor continue sua aula, minha aula é só às 9 horas”. Eu digo: “Professor... Não, não, não, não”. Lendo jornal na minha frente assim. E os alunos ficaram tudo naquela... Aí eu peguei e saí, fomos lá para a rua, me sentei lá fora com eles e fui...

L.D. - Dar aula na rua daí?

A.B. - Dar aula teórica lá na rua, arrumei um quadro negro e fiquei lá. Foi assim, uma coisa que me espantou. Mas, vamos dizer assim, fazia parte da época, fazia parte. E, eu tinha muita dificuldade com as aulas de Recreação porque fazia muito ruído e muito barulho e os professores que tinham aulas teóricas viviam reclamando. Então, eu comecei a sair com as turmas para fora, dar aula de Recreação fora, no pátio. Por causa desse... Porque era muito... Aqui era a sala de Ginástica Rítmica e outras, tudo ligado, a Rítmica era aqui. E, aqui as salas teóricas e não havia mais nada, depois o ginásio e acabou, não tinha mais nada de sala fechada, o resto tudo era na rua. Então, por exemplo, muitas vezes haviam três professores dando aula dentro do ginásio, um professor dando Ginástica Olímpica, um professor dando Vôlei e outro professor dando Basquete. Ah, era uma loucura, porque aquele ginásio ali não tem nada de absorção. O som bate, vai para aquelas paredes lisas e todo mundo escuta. Então, por causa da estrutura dele. Havia muita dificuldade com essa questão, principalmente quando chovia, aí era um horror, porque aí todo mundo queria dar aula teórica e não havia espaço.

L.D. - Tu foste o primeiro professor de Recreação?

A.B. - Não! A professora Lenea.

L.D. - E, como é que foi ser professor de Recreação numa estrutura rígida de Escola?

[Entra na sala neste momento o professor Adroaldo Gaya²⁰]

A.G. - Não acredito!

A.B. - É, eu também não.

A.G. - Ouvi falar que esse cara estava por aqui, posso entrar um minuto?

A.B. - Pode claro.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

L.D. - Dos professores e do comportamento dos professores...

A.B. - Um fato dos mais pitorescos que teve aqui na ESEF foi quando a piscina era aqui atrás. Tinha uma piscina e era aberta, não existia aquela lá em cima, era piscina aberta. E, esse professor aqui de Remo, que ele era professor de Natação também. É um pouquinho pesada, mas não para a atualidade que eu vou contar. Ele usava um calção justo de malha, sempre usou um calção justo de malha e os calções de malha quando eram uns calções antigos. Eles, quando molhavam, eles ficavam muito frouxos e, então, ele estava na beira da piscina dando aula para as meninas, Natação também era separado. As meninas tudo dentro d'água olhando para ele. E, ele disse: “Então, no nado de peito, vocês fazem assim”. Quando ele fez assim, abriu o calção e saiu tudo para fora e ele não viu. Ele não viu, continuou fazendo a aula. E, as alunas começaram [risos] a rir, a rir, e uma disse assim: “Eu pensei que era um defeito” [risos]. Foi uma das partes mais pitorescas [riso] O que se riu muito, durante muito tempo, o cara explicando, quando ele se deu conta que estava com tudo saindo para fora... Porque o calção ficava frouxo e ele não sentiu. [risos] A coisa pitoresca que aconteceu, pode ser que eu me lembre de alguma outra coisa trágica ou diferente, mas assim comigo, como professor foi isso. Como aluno não teve nada assim de especial. Uma vez, aqui no ginásio, eu dei um susto em todo mundo aqui, estava um frio de rachar, mas um *frio!* E, o pessoal jogando vôlei e eu estava com [pigarro]... Ele foi campeão mundial universitário de basquete pela equipe brasileira, será que ele está aqui...

²⁰ Adroaldo Cezar Araujo Gaya

[olha as fotografias] Meu Deus do céu, onde é que está o rapaz? Tem que ser nessas fotos aqui, tem que ser nessa aqui... Bom, enfim, aqui está ele! Aqui, de barba. Pode ser que daqui um pouco eu me lembre o nome dele. [pigarro] Então, nós estávamos ali no ginásio, eu e ele de frescura lutando judô, um derrubando o outro, ele era alto, tinha um e noventa, aí eu disse pra ele: “Me dá um golpe”. “Não!”. “Bota um colchão por cima de mim, me derruba e bota um colchão por cima de mim e diz que eu estou com frio, qualquer coisa se alguém perguntar...” Aí ele “pá”, me derrubou aqui, pegou e puxou um colchão, aí ele puxou outro e foi pegando todos os colchões e foi botando em cima de mim, mas ficou uma pilha de colchões. E, as gurias que estavam jogando vôlei olhando. “Cuidado! Não sei o que, vai sufocar o Arno, vai sufocar o Arno, não sei o que”. Aí ele veio e disse: “Tu está bem?”. E, eu disse: “Sim, eu vou me fingir de desmaiado”. Tinha uns vinte colchões em cima de mim e estava pesado mesmo. Aí eu fiz a... O jeito de desmaiado. Ele disse: “Bah, ele desmaiou!”. Parou a aula de vôlei, veio todas as gurias, começaram a puxar e me puxaram pelos braços e começaram a bater no meu rosto e eu aqui. [risos] Aquela coisa, daqui a pouquinho eu: “Bah!” [risos]. Umas coisinhas assim, de aluno! Pitoresco, isso qualquer aluno faz.

L.D. - Tu chegaste a participar do Diretório Acadêmico?

A.B. - Não, não. Nunca. Politicamente me interessei por nada, nunca, nem na minha família, ninguém jamais mexeu nesse lado. Eu só comecei a ter contato com essas questões políticas quando... Fui numa lista, naquela época, ainda o regime militar estava presente direta e indiretamente. Em 1980 ainda havia influência, era a época do Figueiredo²¹. Então, mandaram para a Reitoria, duas listas de seis nomes que poderiam ser diretores e vice-diretores. Perguntaram e os alunos queriam me botar na lista de diretor e eu disse: “Não, eu recém tenho sete anos de ESEF aqui, como é que eu vou entrar”. Eles queriam que eu entrasse. Eu digo: “Não!”. “E na de vice?”. “Na de vice, vá”. Aí colocaram, foi a lista de seis professores, eu na lista de vice. E, seis professores, na lista de diretores, na época estava o Alduíno, o Camargo²², o Peixinho²³, o Carioca, eu sei lá, enfim. E aí, nós estávamos na praia em janeiro, por acaso eu estava correndo com o Alduíno na praia,

²¹ João Batista de Oliveira Figueiredo, presidente da República de 1979 a 1985

²² Francisco Camargo Netto

²³ Jayme Werner dos Reis, conhecido como “peixinho”

quando veio um telegrama lá, informando que os nossos dois nomes foram os únicos aprovados. [risos] Foram os que passaram pelo DOI/CODE, passava no DOI/CODE, para ver se não tinha nada. Aí eu ainda pensei comigo assim, como naquela época eu não me ligava nessas coisas. Tanto que quando estourou aqui a ditadura eu nem estava, eu politicamente não me envolvia com essas coisas, depois que eu fiquei sabendo de tudo isso que vocês conhecem agora na história, essas coisas, essas pressões, essas prisões. Eu lia, meus amigos, eu tive amigos meus que se armaram, foram cassar comunista na rua e eu dava risada, vocês estão brincando de mocinho. Não era, era que a coisa já era séria, só que eu não me ligava nessas questões de perseguições políticas. A faculdade de filosofia aqui foi arrasada na época. Acabaram com ela praticamente, a arquitetura também, na época do militarismo. Bom, então meu nome foi aprovado e aí então estou eu sendo aqui...

L.D. - Nomeado. Foste tu e o Alduíno?

A.B. - É, em 1980. Aí, em 84 quando encerrou, havia um... Isso sim, isso é interessante, essa parte da história da ESEF agora é interessante. O professor Werner do Reis, peixinho, um bom professor. Ele foi, juntamente com uma outra pessoa, que não vou citar o nome agora - eu também não me lembro - eles foram nomeados em 1970 quando o regime militar brasileiro gratificou seis capitais brasileiras com uma nova ESEF. Inclusive com laboratório de pesquisa²⁴ que o professor De Rose²⁵ começou. E, aqui a ESEF, então, foi contemplada com todas estas obras, a piscina, a parte do atletismo, tudo, porque nós só tínhamos um ginásio, essa parte aqui, uma pista de atletismo pequeninha e umas canchas de tênis vagabundas, de areião, mas bem *horrível!* Era só isso, não tinha mais nada aqui na ESEF e uma piscina aberta aqui, um tanque. A gente, aliás, tinha aulas normalmente nos clubes. Natação era ou no Petrópolis²⁶ ou no União²⁷, em tudo quanto é lugar. O remo era lá no União também. Então, tinha algumas atividades da ESEF que nem eram na ESEF, porque não haviam instalações. Então, a partir de 1970, criou-se o Centro Olímpico²⁸ que era responsável pelo desporto universitário na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E houve pequenas distorções, ele não foi bem entendido e ele acabou, a sede dele que era

²⁴ Laboratório de Pesquisa do Exercício – LAPEX, fundado em 1973

²⁵ Eduardo Henrique De Rose

²⁶ Petrópole Tênis Clube, fundado em 07 de setembro de 1941.

²⁷ Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

lá no centro, lá onde é a sede da ADUFRGS²⁹, na Cidade Baixa³⁰ ali, numa daquelas ruas... Luís Afonso³¹, que era... Eu não me recordo mais exatamente onde era a sede do Centro Olímpico. E, essa sede acabou vindo aqui para a ESEF. Entre a sala de musculação e o ginásio, havia uma casinha de madeira e ali foi feito a sede do Centro Olímpico. Então, o Centro Olímpico começou a administrar a piscina e a parte externa. Isso causou um tremendo problema na ESEF, porque a ESEF tinha uma direção, e havia um outro órgão auxiliar ou suplementar - ou seja lá o nome que for - que também administrava a ESEF. E, o Peixinho era extremamente rigoroso e rígido, com tudo, com material... Ele cuidava aquilo com um esmero, e aí começaram a dar conflitos. Conflitos... *Muito ruim, mas terríveis* os conflitos. Vocês não podem imaginar que tipo de conflitos que havia aqui dentro da Escola, porque haviam duas direções, então vocês imaginem. Bom! Isso foi chegando a um ponto que depois a casinha de madeira se tornou uma casa de zelador e ele foi lá para a piscina, então, o Centro Olímpico ficou a piscina. Aí sim, então a piscina era a casa dele, do professor Werner. Ali era o Centro Olímpico, ali só entrava aluno de chinelo e coisa, e mais ninguém, era um rigor, uma limpeza, ele tinha toda essa turma aqui ó [mostra fotografia]. Todos esses funcionários aqui ajudavam ele na piscina. E, nós aqui na ESEF quando entramos, nós só tínhamos um funcionário para fazer toda a limpeza. E, ele tinha essa equipe. Nós tínhamos um funcionário, que o apelido dele era... Pergunta para o Marquinhos³² é Micuim³³! Micuim de tão pequenino que ele era. Aí ensinamos ele a cortar... E o Walter³⁴! O Walter vocês conhecem, o Walter ficava no vestiário. O Walter tem também aquelas limitações, então ele cuidava do vestiário, ele limpava ali por dentro e o Micuim fazia essa parte externa, mas ele não sabia nada...

[FINAL DA FITA 98/01-A]

A.B. - E, o Cassel chegou para mim: “Ah olha, é assim, pode ser que nós vamos fazer parte da história ou nós vamos parar na cadeia, alguma coisa vai acontecer. Tu queres ser o diretor do Centro Olímpico?”. Eu digo: “Olha, mas tu vai ter que me dar um apoio”. “Não,

²⁸ Órgão responsável pelo desporto universitário da UFRGS

²⁹ Associação dos Docentes da UFRGS

³⁰ Bairro da cidade de Porto Alegre

³¹ Rua de Porto Alegre

³² Nome sujeito a confirmação

³³ Nome sujeito a confirmação

³⁴ Nome sujeito a confirmação

não. A Reitoria está toda sabendo e tudo”. Então, eu entrei como diretor do Centro Olímpico e não foi fácil, foi *horrrível*, mas conseguimos mudar aqui dentro, os dois primeiros anos assim, eu quase enlouqueci. Porque o professor que mais cuidava, que era ele, era o que mais “apatifava”. Eu não sei se eu trago detalhes disso aí. Porque são muitos e fazem parte daquela época, que hoje não está... Ele dificultava, dificultava, era uma dificuldade. Ele fazia exatamente aquilo que ele proibia. Tudo, tudo o que vocês podem imaginar, assim ele... Bom! Então, o Centro Olímpico tinha muitas salas, todas elas fechadas, não havia nada. Juntamos as verbas, juntamos as idéias, juntamos a vontade e, transformamos o Centro Olímpico. Os departamentos foram para lá, os laboratórios foram para lá, informática foi para lá, mas aí vem aquele problema com a piscina, o cloro, e aquilo começou a atacar os aparelhos. Aí o troço ficou meio assim, meio aqui. Enfim, bom! Mas no fim se conseguiu democratizar aquela peça, que é toda a piscina. E, definitivamente, a ESEF se integrou com o Centro Olímpico e a coisa foi indo a ponto de depois se transformar num órgão suplementar. Foi indo, e foi indo, depois veio uma outra gestão que complicou um pouquinho, mas no fim, agora, praticamente, está tudo em paz. Eu acho que não há mais, pouquinha coisa assim, provavelmente algum resquício ainda.

L.D. - Tinha alguns conflitos de departamentos, entre departamentos? Mas se desfez, agora não tem mais departamentos, agora é professor...

A.B. - Ah! Não tem mais os departamentos? Os dois departamentos?

L.D. - Não tem departamento de Recreação e Ginástica.

A.B. - Não?

L.D. - Não!

A.B. - Ah, eu não sabia disto.

L.D. - Aí desfizeram tudo na gestão do Guimarães³⁵, que foi...

A.B. - E, os órgãos suplementares, como é que ficaram? O Centro Olímpico ainda tem verbas, essas coisas? Ainda existe o cargo de diretor do Centro Olímpico?

L.D. - Não, agora é tudo centralizado. As piscinas são da ESEF, não é mais Centro Olímpico, é...

A.B. - Tudo!

L.D. - O campus.

A.B. - O campus. Chamado Centro Olímpico, erradamente, não é? Mas em todo caso ficou... [risos] E, a história marcou e como se diz... Depois, para provar que focinho de porco não é tomada é difícil.

L.D. - Ah, o senhor teve uma história bem marcante aqui...

A.B. - É, então foi uma época, assim, de mudanças. E, foram mudanças que efetivamente deram... Graças ao Cassel, ao Alduino.

L.D. - E ao senhor. Batalha que o senhor travou [risos].

A.B. - Deixa eu me lembrar, não, tinha... [pigarro] o Guimarães, o... Como é que é o nome dele?

L.D. - O Petersen³⁶.

A.B. - O Petersen. Tem que me lembrar os professores que foram fundamentais, o Schulz³⁷... Foram fundamentais para que houvesse essa mudança, porque a primeira grande mudança na ESEF, foi quando nós nos desvencilhamos dos médicos. Os médicos mandavam na ESEF quando eu fui aluno, os médicos dominavam aqui, o professor Targa

³⁵ Antônio Carlos Stinghini Guimarães

³⁶ Ricardo Demétrio de Souza Petersen

³⁷ Roberto Schulz

era uma raridade, mas é que ele vinha do Exército, ele era general reformado, não sei o que ele era. Era uma raridade, porque normalmente aqui eram os médicos. Então, a primeira, o primeiro grande passo que a ESEF deu para crescer, foi se desvencilhar do jugo médico. Havia só médicos, médicos e médicos aqui, todos... Não eram maus professores, mas atrapalhava a ESEF como ESEF, como uma Escola ligada ao esporte e a educação e todas essas coisas.

L.D. - A educação.

A.B. - Aí, depois, o segundo grande passo foi derrubar o Centro Olímpico e transformar a ESEF tudo num bloco só. E, desse eu participei diretamente.

L.D. - Os alunos podiam ter aula no Centro Olímpico?

A.B. - Sim, sim!

L.D. - Podiam ter?

A.B. - Não, antes não podiam, antes eram só as aulas de Natação.

L.D. - Ah, não? Só as aulas de Natação?

A.B. - Só as aulas de Natação e era um rigor, um rigor! Ninguém piava, ninguém dizia um... Um fato pitoresco, essa aqui vocês vão rir que vão se matar. Para subir lá em cima na ESEF, na piscina, só de chinelo, de calção e, o professor Nelson Saul³⁸... Professor Nelson Saul, aqui ele já não estava mais [mostra fotografia], ele foi falar com o professor Werner. Então, ele subiu as escadas, ele estava fardado de professor de ginástica, tênis, meia, abrigo, ele chegou, e o professor Werner estava dando aula. “Professor Werner, preciso conversar com o senhor urgente”. E, ele disse: “Não me entra aqui de tênis!”. Aí, o professor fez uma parada de mão e foi em parada de mão até ele, conversou com ele em parada de mão, se virou e voltou. Isso aí foi *marcante* assim, ficou o tempo inteiro falando. E, o professor Werner “sim, sim, tá, ta”, então aí... Em parada de mão voltou para a

escadaria, baixou... Isso aí, isso aí é só em filme, só em filme, isso não existe mais, essas coisas [risos] É verdade, vocês podem perguntar para ele, o professor Alduíno vai confirmar. Foi em parada de mão falar com ele para não botar os pés no piso. Aí quando ele não era mais diretor do Centro Olímpico, ele subia de sapato e tudo lá para cima.

L.D. - E daí não estavam?

A.B. - Não, aí já não tinha... Não valia mais as regras dele. [risos]

L.D. - Ai, que loucura.

A.B. - É isso aí. Então, eu entrei na ESEF no Departamento de Ginástica e Recreação, como professor de Recreação e Ginástica. A Recreação é... Eu fui... Eu fiz especialização em Educação Física escolar nessa época aqui. E, áreas... Eu comecei a me inclinar muito mais pela uma área que estava começando, eu também fui um pioneiro, porque meu pai³⁹ foi o primeiro professor de levantamento de peso e halteres, que é o que precedeu ao halterofilismo. A disciplina se chamava Levantamento de Peso e Halteres e, havia academias aqui em Porto Alegre que só tinha halterofilistas e aquilo era fechadíssimo, ninguém gostava, ninguém queria saber de halterofilismo, porque os caras eram tudo forte, uns touros e diziam que era tudo viado e aquelas coisas. Enfim, havia um preconceito terrível com academia, a academia Pólo, Hércules, Força e Saúde, ah... E, mais algumas que tinham aí. Eu conhecia... Eu também não gostava, o ambiente era... Ele cheirava a alguma coisa assim que não fazia bem, tu entrava lá dentro... Era realmente um ambiente estranho. E, o meu pai ainda me disse assim: “Tira essa especialização, porque não tem ninguém do Brasil que tenha essa disciplina”. Aí eu fiz especialização em Levantamento de Peso e Halteres, e tem... O número um nessa disciplina. Quando o meu pai se aposentou, a disciplina desapareceu e no final dos anos 70, começou a querer, essas coisas das academias, eu comecei a dar... Ah não, eu convenci o Departamento a introduzir novamente isso porque fazia parte da formação do professor, conhecimentos em levantamento de peso, levantamento de peso - eu estou falando sempre no... É uma das partes de treinamento de força. Então, o Departamento Desportos, dava os desportos, mas

³⁸ Nelson Rubens Saul

³⁹ Karl Black

na hora de preparação do professor para ser um preparador físico, não havia ninguém que conhecia como é que se pega peso, e o que se faz com os pesos, eu era o único que sabia. Eu abri a disciplina e as primeiras pessoas que se matricularam, as primeiras *alunas* que se matricularam, foi difícil entrar aluna. Foi, assim, um parto para eu conseguir fazer elas pegarem um peso na mão, sentirem um peso. Naquele momento, alguns técnicos no atletismo e outras coisas, estavam começando, incipientemente, a dar peso para as mulheres. Então, eu comecei a trabalhar nessa área e mostrar para eles que isso aí, mulher e homem não tem muita diferença. O problema é que, naquela época, só tinha marombas, marombas são aquelas barras com anilhas, e aquilo é muito trabalhoso. Aquilo é perigoso, trabalhoso e, enfim... Não havia ainda os aparelhos fisioterápicos que depois transformaram nessa beleza que são hoje as academias. Eu fiz essa transição, do zero em conhecimento para as academias... E o primeiro congresso que teve sobre levantamento de peso no Brasil, que foi no Rio de Janeiro, eu fui lá, participei lá, eu vi que ninguém sabia nada, todo mundo sabia muito pouco, sabiam quase nada, era horrível o que eu ouvi. Eu também sabia pouco, mas eu já estava estudando a fundo o negócio. De certa forma eu participei desse momento de transição do zero da mulher para o cem por cento da mulher dentro da halterofilia, da musculação, e aí do halterofilismo passou para musculação. Foi a única maneira de transformar uma atividade física e esporte numa coisa agradável para as mulheres que hoje todo mundo fala em musculação.

L.D. - Mas elas tinham resistência ou...

A.B. - Elas e nós, todos tinham! “Ah não! Mulher botar peso, está louco, ela vai ficar masculina, vai perder o seio, vai ter não sei o quê”, aquelas coisas: “vai crescer a barba, vai ficar com a voz grossa” e aquelas coisas todas. Os preconceitos eram terríveis. As primeiras aulas, os primeiros trabalhos, os primeiros contatos da aluna de Educação Física com o peso, foram assim, emblemáticos.

L.D. - Te lembras de alguma aluna, que te marcou? [riso] Alguma que desistiu [riso]?

A.B. - Tinha uma muito bonita e era corredora de 100 metros no atletismo. Eu comecei a dar treinamento de peso para ela, quase que saiu coisa ali. Ela marcou porque ela foi uma das primeiras a fazer treinamento intensos de levantamento de peso, para ganhar mais força

na velocidade. Ela tinha um problema, ruim com ela, ela tinha seios imensos, e era corredora de 100 metros e aquilo era um trambolho na frente dela. Eu dizia pra ela: “Isso aí deve te atrapalhar muito!”. Ela dizia assim: “Um peso”. Eu digo: “Tu tens que escolher outro esporte, ou tens que fazer uma cirurgia aí porque...”. Depois eu perdi o contato com ela, não sei. Ela era muito bonita e era uma aluna que fez a cadeira e começou a usar peso, eu não me lembro mais o nome dela, pode ser que fazendo um esforço de memória... E, foram aparecendo algumas coisas também... O tênis. Nós tivemos um tenista em Porto Alegre que foi o melhor tenista gaúcho, foi o Marcos Hocevar e o segundo foi o Nelson Laertz, que chegou a 78. E, quando ele tinha 18 anos, o professor Balbinot⁴⁰, que era professor de tênis, trouxe o Nelson Laertz aqui e perguntou se eu não queria fazer preparação física com ele. E aí, eu comecei a trabalhar preparação física com ele. E, ele começou a explodir no tênis mundial, foi indo, foi indo e cada dia melhor, mas depois... Envolve outras questões técnicas lá que não importam muito. Ele foi duas vezes campeão brasileiro de tênis, já eu como preparador físico. Houve depois uma menina, apareceu aqui, eu comecei a dar preparação física, mas aí ela perdeu pai, teve uma tragédia na família, e perdi o contato com ela. São coisas assim que surgiram durante a minha época de professor aqui. Algumas coisas, quer dizer, de alguma maneira, na história da Educação Física, em algumas disciplinas como, por exemplo, Recreação e Musculação...

L.D. - Ginástica?

A.B. - Não, Ginástica não! Bom era o professor Saul, o Alduíno era um professor superior a mim, ele já era um bom professor. O Alduíno fez o mestrado na Alemanha em 77, 78. Ele deu um salto muito grande na qualidade desta... Também disto aí, mas na área da Musculação... Então, Levantamento de Peso, isso é uma coisa histórica, Halterofilismo, Musculação, quando a palavra musculação tomou conta, então aí foi... As aulas encheram de mulheres, eu tinha alunas que não pararam, chegou ao ponto de eu ter dois, três alunos, o resto tudo menina. No início era só homem, uma ou outra. E aquilo com os anos foi mudando. Também cresceu o conhecimento, nós tínhamos o laboratório, começamos a explorar mais a fisiologia. As aulas eram bem interessantes, porque estava todo mundo começando a procurar academias. Eu peguei esse momento, que foi o momento em que as academias começaram em Porto Alegre.

⁴⁰ Carlos Adelar Abaide Balbinotti

L.D. - O senhor pegou uma época, como aluno, de Educação Física calistênica?

A.B. - Calistênica, rígida, militar, militarizada.

L.D. - Dentro desse contexto, o senhor conseguiu pensar algo diferente para os seus alunos?

A.B. - Sim, claro! Porque eu tinha feito, como aluno, já um curso de especialização. Eu fui agraciado com uma bolsa e quando eu me formei aqui eu já tinha especialização, na Alemanha, e isso aí me abriu muito os olhos, porque claro, imagina 65, aqui a gente caminhava para trás ainda, não caminhava para frente, e eles já estavam 30, 40 anos na frente. Havia um buraco muito grande. Agora não, agora o Brasil encostou, vamos dizer assim, mundialmente falando em Pedagogia, em Metodologia, em Treinamento encostou, hoje nós não devemos mais nada para ninguém, o que nós devemos, é que nós perdemos muitos cérebros. É só alguém despontar aqui no Brasil que eles... Isso é a maior perda que nós temos são os cérebros. Isso é um problema, por causa da oferta: as ofertas financeiras e as possibilidades de crescimento no exterior ainda são muito maiores que aqui no Brasil. Vejo pelo meu filho que se formou em Educação Física e...

L.D. - Ah, se formou em Educação Física?

A.B. - Se formou também, e adorava isso aqui, começou a trabalhar comigo em academia, mas... Não dava muito. Pelas sessões de aulas particulares... E ele tirou também administração de empresas e informática em R.H. Agora está bem longe, está em Panambi trabalhando lá. Mas ele está louco para dar aula lá porque ele foi um esportista, um bom esportista também. E, minha filha que fez Fisioterapia está fazendo mestrado agora com o Kruehl⁴¹, ela defende agora dia 15, a Gabriela, a loirinha, aquela...

L.D. - Defesa, que legal, parabéns!

A.B. - Então, meu avô, meu pai...

L.D. - É, foi passando.

A.B. - Eu, meu filho, são quatro gerações. Perdão, avô, pai...

L.D. - É, avô, pai...

A.B. - Eu, filho, quarta geração, e foi a quarta geração já nessa área.

L.D. - Que ano que o senhor se desligou da Escola?

A.B. - 94.

L.D. - 94? Então de 63...

A.B. - É, são dez, onze anos agora, entrar onze anos, em maio vai fazer onze anos.

L.D. - 63 o senhor entrou, se formou em 66.

A.B. - 62, 63 eu entrei, me formei em 66, entrei em 74 e me aposentei em 94. Porque eu trouxe tempo... Porque em 91... Em 64 eu comecei a trabalhar como professor na Prefeitura. Eu era aluno aqui e passei no concurso e comecei a trabalhar em Recreação Pública. Me transformei em professor municipal, fui até 25 anos de professor municipal, aí eu pedi demissão, por causa da ESEF e do doutoramento que eu estava fazendo. E aí houve uma coisa também interessante aqui na Universidade: todos os professores que estavam com - como é que se chama ainda - dedicação exclusiva, que tinham algum outro cargo, mesmo que fosse cargos sem...

L.D. - Remuneração.

A.B. - Remuneração. Que era o meu caso, eu estava em licença da Prefeitura para fazer doutorado e havia um comissão que examinava isso e eles começaram a me apertar, eu vim da Alemanha, pedi demissão e voltei para continuar, 25 anos. E, dois meses depois,

⁴¹ Luiz Fernando Martins Kruef

extinguiu-se essa comissão, e outros permaneceram fazendo esse trabalho. É, todos... Principalmente na área da... Quando eles tocaram em outras áreas: Medicina, Direito... Onde esse pessoal tem muitos empregos... Eu era professor da ESEF, afastado para doutoramento e em licença na Prefeitura, para fazer esse doutoramento e eles exigiram que eu me demitisse ou eu perderia a Dedicção Exclusiva. Aí eu vim, me demiti, aí eles extinguiram. O professor Krueel fazia parte dessa comissão, ele mesmo disse... Aí extinguiram a comissão, aí eu fui pedir reingresso na prefeitura, o PT⁴² foi duríssimo [risos] Eu expliquei tudo, está aqui ó, então eu botei 25 anos da Prefeitura, dos quais eu só aproveitei dez, os outros quinze, estão perdidos [risos] em termos de tempo de serviço.

L.D. - Então, professor, eu queria agradecer a entrevista e eu acho que o senhor tem muita história... Aqui da ESEF, tem sua família... Acho que a gente vai ter que fazer uma outra [risos].

A.B. - Por que? Terminou o tempo de vocês ou terminou a fita?

L.D. - Não, não, porque eu queria ainda tirar, ou escanear as fotos.

A.B. - Qual é a... Que tu desejarias aqui que seria interessante?

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

L.D. - Como é que foi o seu teste prático?

A.B. - Ah, tirei de letra! Sem problema nenhum [risos]. Arremesso da pelota, eu quase que atravessei o... Que eu era... Eu sempre, desde guri, gostava de jogar pedra. Arremesso da pelota, a... O número de barras. Eu fiz, eu era ginasta. No mínimo eram cinco barras, eu fiz dezesseis barras, tinha uma corda de três metros para subir, eu subi em esquadro, assim, esquadro, quer dizer com o corpo... Assim, tinha que subir e podia ajudar com os pés. Tinha uma prova de resistência, outra de velocidade, a natação, eu fiz tudo rindo. Não havia nenhuma dificuldade, mas vi coisas do arco da velha que nem esse aqui ó [mostra fotografia]. Esses dois aqui não sabiam nadar, não sabiam nadar e vieram fazer o teste.

⁴² Partido dos Trabalhadores

Eles se atiravam na água e aquelas braçadas de desespero, eles nadavam de pé e teve um que conseguiu fazer braçadas e ir para trás, nunca que nós tínhamos visto isto, eles ficaram... O apelido que o professor Werner deu para eles era de “navegação costeira”, eles só nadavam bem juntinho na borda da piscina. [risos] “Chegou a navegação costeira!”. Como é que eles passaram, eu não sei, porque ficaram, insistiram tanto que conseguiram passar, ou não quiseram eliminar eles no teste, mas o teste dos dois aqui era para repetir, não era para entrar, eles entraram.[risos].

L.D. - Quando é que acabou os testes práticos?

A.B. - Ah, é uma boa pergunta! Puxa! Só um pouquinho...

L.D. - Quando o senhor foi professor ainda tinha?

A.B. - Tinha, claro! Sim era sempre um parto! Aí o troço começou a ficar mais complicado, os testes mais sofisticados e começou a contestação. Começou a haver processos, começou a... A pessoa vinha, não fazia, não conseguia, rodava, porque alguns eram eliminatórios, eu não me recordo mais quais, mas parece que a natação era um deles. Aí a pessoa dizia assim: “Mas eu nunca vou ser professora de natação, não... Detesto a água”. E entrava com processo, e começaram a avolumar processos. Aí eles acabaram extinguindo.

L.D. - O IPA⁴³ teve até pouco tempo?

A.B. - Teve muito tempo, eu fui professor também do IPA. Junto com o Professor Washington⁴⁴, fui o primeiro professor lá no IPA, na ESEF-IPA, e eu também convivi com isso lá. Bah, era horrível! Os testes...Tinham testes de coordenação motora, fui eu quem elaborou o teste. O teste era para ser filmado de tanto que eu dei risada, mas eu ria por dentro, porque eu tinha que ficar sério. As pessoas tinham que fazer um quadrado em movimentos alternados de braço e perna, de balanceio, de corpo. Eles tinham que fazer... Lateralmente eles tinham que fazer assim [demonstra], para frente eles tinham que fazer

⁴³ Instituto Porto Alegre – Rede Metodista de Educação do Sul

⁴⁴ Washington Gutierrez

assim, depois para o lado, depois para trás. Era uma confusão de braço e perna, mão e lado. Mas era um teste para ver a coordenação da pessoa. Tinha teste de rítmica também, tinha testes variados. Eu não sei se foi... Na realidade, é a evolução da Educação Física como um todo, como uma ciência. E, eu não gosto do termo Educação Física, sempre detestei, e somente um professor que veio uma vez para um curso de recreação, ele disse assim; “você não são professores de Educação Física, você são agentes de ensino na área do movimento”. A primeira vez que eu vi alguém dizer assim: “Está errado. Isso aqui não é Educação física, ninguém educa as pessoas. Você trabalham é com o movimento. Você tem condições de educar as pessoas, a fornecer conhecimento para as pessoas desenvolverem, lateralidade, desenvolverem ritmo, desenvolverem conhecimento mais amplo do mundo em que vivem. Conhecer melhor o seu corpo e isso não é bem Educação Física, o termo que você utilizam”.

C.R. - E, o senhor conseguiu ver toda essa evolução desde quando o senhor era aluno, professor, agora com seus filhos? O senhor vê muita diferença assim, do currículo, nas cadeiras?

A.B. - Só examinando o currículo atualmente. Eu não tenho conhecimento totalmente do currículo, mas parece que houve muito... Sim, houve nos últimos anos, nos anos 80, houve a *grande* modificação da ESEF quando começou a disciplina a fornecer normalmente... Por exemplo: Atletismo 1, 2 e 3. Um: aprendizagem básica dos movimentos; Dois: aprendizagem das técnicas, a metodologia; Três: a aplicação. Isso aí foi um salto vertical na formação. Quando eu me formei na ESEF, eu só dei aula uma vez para os alunos do colégio Júlio de Castilhos e ainda foi só dez minutos. Eu me formei como professor dando *uma vez* durante dez minutos, porque outros alunos também deram, então, eu dei o aquecimento e o professor: “Tá, muito bem”. E, fui jogado no mercado. Esse professor aqui ó [mostra fotografia]. Esse... Deixa eu ver se eu consigo me lembrar o nome dele, ele é de Montenegro⁴⁵. Primeira aula dele, os alunos em forma, todo mundo em forma, ele fez a chamada: “fulano, fulano”. Aí: “Atenção, meia-volta volver, os alunos meia-volta-volver”. Ele se mandou. Se mandou! Fugiu! Estava *apavorado*! Ele também não teve chance, eles não tinham o treinamento para estar lá, nós não éramos treinados para sermos professores, nós éramos treinados para ser atletas e não professor. A gente dominava tudo,

eu dominava judô, boxe, dominava muito bem boxe. O professor uma vez, até fizemos uma apresentação na televisão, eu e esse aluno aqui ó [mostra fotografia]. Esse aqui, fizemos uma simulação de luta e acabamos se agarrando no pau. [risos]. Então, judô, boxe, ataque e defesa. basquete, vôlei, atletismo, natação, tênis e ginástica, ginástica olímpica, essas coisas, dominava tudo, quer dizer, não tinha dificuldade. Agora, ensinar é outra coisa, ensinar. E, nós não éramos ensinados para ensinar, nós éramos treinados para repetir, nós éramos repetidores daqueles que nos fizeram. [riso] O que é a grande deficiência num dos esportes que mais valor dão hoje, que é o futebol, por causa da mídia, por causa do dinheiro. Os técnicos, são os técnicos, meros repetidores, qual dele senta para pensar? Nenhum, raro, raro, raro... São os repetidores. E aí, o que tu queres tirar, escanear aqui?

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

A.B. - Ele é quem cuidava do material de atletismo e de tênis. Seu... Ele era pai do Paulinho⁴⁶, o seu Paulinho, que morreu engasgado aqui na frente com churrasco, ele era pai do Paulinho. Soube, do Paulinho? O Paulinho continuou fazendo o que ele fazia, ele era o responsável pelo material de atletismo. Aí, o professor Bugre⁴⁷ está correndo, e estava carregando na mão pedrinha, e cada vez que ele... E, esse senhor, o senhor Mário⁴⁸. Não me vem o nome dele, ele estava sentado na escada olhando ele correr, cada vez que o professor passava ele largava uma pedrinha, e foi, foi indo. E aí, ele olhando, largava a pedrinha, largava e largava. Terminou, aí ele: “Professor, me diga uma coisa, o que o senhor estava fazendo, qual era a sua intenção de sempre jogar uma pedrinha quando passava ali?”. “Ah, é o seguinte, eu queria dar dez voltas, como eu estava com preguiça de contar, eu peguei dez pedrinhas, cada vez que eu passava, eu largava uma, quando eu não tinha mais nenhuma, eu parei”. Aí o velhinho olhou para ele assim: “O que é o conhecimento [risos]. O que é a inteligência, o que é o estudo, o que é o estudo?”. Essa foi a expressão dele! [risos] Mas assim, naquela simplicidade dele, no modo quem... Ele não conseguia imaginar...[risos] O que é o estudo... O professor... O que entrou agora aqui...

L.D. - O Adroaldo.

⁴⁵ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

⁴⁶ Nome sujeito a confirmação

⁴⁷ Bugre Ubirajara Marlmon de Lucena

⁴⁸ Nome sujeito a confirmação

A.B. - O Aldroaldo [risos], eles gozavam muito: “O que é o estudo!”. O Guimarães também: “O que é o estudo”. Pega dez pedrinhas, eu quero dar dez voltas e cada vez joga.[risos] “O que é o estudo!”. E aí o que tu queres tirar?

[FINAL DO DEPOIMENTO]